

O Mal em Apocalípticos e o Bem em Integrados¹

Simone Munir DAHLEH²

Gabriel Sausen FEIL³

Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, São Borja, RS

Resumo

O tempo é o tema principal do presente trabalho que traz os conceitos de Mal e Bem, de Georges Bataille, e as concepções de cultura pelo entendimento dos apocalípticos e integrados, de Umberto Eco. O intuito é aproximar tais conceitos por conta de suas possibilidades de relações com o tempo, saindo, dessa forma, do lugar comum que esses conceitos costumam ser tratados. Primeiramente, o artigo apresenta quatro conceitos e, em um segundo momento, aproxima os conceitos com características de similaridades entre eles. Por fim, mostra como esses conceitos são paralelos e não contrários, de forma a criar uma discussão reflexiva e não moral sobre eles.

Palavras-chave: tempo; Mal; Bem; apocalípticos; integrados.

Introdução

No presente trabalho apresentamos os conceitos de Mal e Bem concebidos por Georges Bataille (1989) no livro *A Literatura e o Mal*, e os conceitos de apocalípticos e integrados de Umberto Eco (2006), descritos no livro *Apocalípticos e integrados*. Posteriormente, realizamos a aproximação dos conceitos mencionados. Tal aproximação é possível na medida em que detectamos que os conceitos selecionados possuem características similares, principalmente no que diz respeito à perspectiva temporal.

A vontade de realizarmos tal trabalho parte do interesse pela Filosofia e seu modo de pensar os aspectos da vida. A partir da curiosidade pela questão do tempo e pelo modo como os indivíduos lidam com esse fato que são obrigados a levar consigo durante toda a existência, surge a ideia de trabalharmos com os conceitos de Mal e Bem de Bataille (1989). Para esse autor, o Mal se relaciona com as ações que primam pelo

¹ Trabalho apresentado no IJ 2 - Publicidade e Propaganda do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIPAMPA, e-mail: simonemunird@gmail.com.

³ Orientador do trabalho: Professor Dr. do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIPAMPA, e-mail: gabriel.sausen.feil@gmail.com.

aproveitamento do instante presente, e o Bem se relaciona com as ações que importam-se, principalmente, com o planejamento do futuro.

A partir disso, buscamos aproximar os conceitos de Mal e Bem de Bataille (1989) com os conceitos de apocalípticos e integrados de Eco (2006). Para esse segundo autor, a cultura de massa pode ser vista por dois vieses, o viés dos apocalípticos e o dos integrados. Diante disso, entendemos que o Mal (instante) se relaciona com os apocalípticos por conta de estes conceberem a cultura numa perspectiva instantânea e não funcional; e entendemos que o Bem (planejamento futuro) se relaciona com os integrados em função de estes se encantarem com a cultura de massa, justamente, por sua possibilidade funcional em que a humanidade colhe frutos pelo planejamento.

Para fins introdutórios, é importante que façamos quatro ressalvas para que o leitor compreenda de forma clara o que queremos abordar:

A primeira ressalva é de que o trabalho não pretende mostrar como tais conceitos podem ser opostos ou construir julgamentos morais sobre eles. Sendo assim, tratamos os conceitos do trabalho como paralelos, discutindo-os como diferentes e não contrários. Não se trata da defesa de um lado ou de outro; trata-se, isto sim, de trazer essa possibilidade de discussão, mostrando como esses conceitos podem conversar entre si.

A segunda ressalva que se faz importante é a de que não avaliamos o Mal como pejorativo e o Bem como positivo, ou os apocalípticos como os vilões e os integrados como os bons, por exemplo. Ainda que Bataille em sua vida tenha estudado o cristianismo, o Mal e o Bem, neste trabalho, não têm o sentido que o cristianismo entende, em que o Mal são as trevas, o errôneo, e o Bem as bondades praticadas. O Mal em Bataille (1989) nada tem a ver com o mal no sentido em que costumamos usar, aquele das ações que consideramos maldosas ou criminosas. Assim como o Bem não diz respeito ao bem ou ao bom em seus sentidos cotidianos, ligados ao agir de forma correta dentro das instituições da sociedade (iniciamos os conceitos em letras maiúsculas justamente para diferenciarmos os conceitos das palavras usadas no senso comum).

A terceira ressalva pertinente é de que o trabalho não possui um viés positivista, ou seja, sua importância está em mostrarmos como tais conceitos podem ser aproximados e relacionados em um âmbito reflexivo. Dessa forma, não há um problema-hipótese, pois o que pretendemos com o trabalho não é necessariamente

responder questões que possam ter uma aplicação prática. Entretanto, a discussão conceitual que propomos pode ser considerada um problema; ou melhor, pode ser colocada na forma de questão-problema: *quais possíveis aproximações podem ser feitas entre Mal e apocalípticos e Bem e integrados?* Assim, podemos dizer que o trabalho defende a tese de que *apocalípticos e integrados podem ser diferenciados pela perspectiva temporal que pressupõem em relação à concepção de cultura – os primeiros assumindo a postura relativa ao tempo do Mal e os segundos a postura relativa ao tempo do Bem.*

Cabe ainda a última ressalva de que, apesar da sociedade contemporânea estar com o pensamento programado a pensar na funcionalidade, utilidade e eficácia das coisas (CHAUI, 2006, p. 70), acreditamos na importância de trabalhos como este, tanto para o âmbito acadêmico, que tem o potencial de nos fazer pensar, sendo a reflexão a primazia desse universo, quanto para a renovação e modos diferentes de enxergar os conceitos de Mal, Bem, apocalípticos e integrados. Para tal, realizamos, num primeiro momento, a revisão dos quatro conceitos citados acima, para deixarmos claro de que relação estamos trabalhando ao usá-los no decorrer do texto e, num segundo momento, discutimos e articulamos os conceitos.

Sendo assim, utilizamos, principalmente, pesquisas bibliográficas primárias, ou seja, buscamos fontes que apresentam diretamente os conceitos; e pesquisas bibliográficas secundárias, fontes que apresentam os conceitos a partir de comentadores (STUMPF, 2010).

Apresentação dos conceitos

O Mal e o Bem, em Georges Bataille

Aqui apresentamos os conceitos de Mal (instante) e Bem (planejamento futuro) de Georges Bataille (1989), presentes em *A literatura e o Mal*. É importante enfatizarmos que o autor não entende tais conceitos como alegorias ou metáforas (ao modo do Mito da Caverna, por exemplo), ou seja, quando menciona o Mal e o Bem está se referindo aos próprios Mal e Bem, no sentido em que esses conceitos não estão representando outros objetos ou outras situações.

No livro citado, Bataille traz oito autores malditos da literatura: Emily Brontë, Baudelaire, Michelet, William Blake, Sade, Proust, Kafka e Genet, com o propósito de

utilizá-los em prol do seu texto, encontrando o Mal e o Bem tanto nos escritos desses autores quanto na própria vida deles.

Podemos entender o Mal apresentado no livro como algo que está em relação com a ideia de instante, isto é, o Mal é entendido por esse autor como o gozar do presente sem que o foco sejam as preocupações que estão por vir. Os indivíduos que optam pelo Mal (não necessariamente em sua totalidade, mas na maior parte do tempo em pequenas doses) querem aproveitar o acontecimento momentâneo que estão vivendo sem se preocuparem com o depois. Quando estão em relação com o Mal, pensam apenas naquele instante, as consequências são deixadas de lado. O instante se preocupa apenas com o prazer (p. 4), de modo que a importância do acontecimento se concentra apenas no momento em questão.

O Mal apresentado aqui se vale por si mesmo, basta-se por sua própria força. Somente devemos desejar do Mal o próprio Mal. Queremos que a partir dele se tire um aproveitamento material seria não considerarmos o Mal em sua pureza: “nós não podemos considerar como expressivas do mal as ações cujo objetivo é um benefício, um proveito materiais” (p. 14). Ou seja, o autor está, desde já, diferenciando o Mal do mal do senso comum, cujo objetivo é um benefício. Aliás, o mal do senso comum pode ser relacionado, isto sim, com o Bem, pois ambos agem em função de um benefício externo à situação da ordem instantânea. O que deve nos interessar aqui é o Mal puro, aquele que não se associa à ideia de proveito material.

O Bem, por sua vez, baseia-se no futuro. Os indivíduos do Bem acreditam que o que deve ficar na primazia de suas preocupações é a administração do tempo com o planejamento de suas vidas, enquanto o aproveitar os momentos de intensidades ficam em segundo plano, de modo que o destino determinado (trabalhar, estudar, constituir família, acumular bens) é a obsessão que não cessa. Pois, como a sociedade determina essas ações, é preciso que haja processo de manutenção, isso faz com que, caso os indivíduos queiram se manter nela, precisam necessariamente seguir tais normas.

O Mal não se torna Mal por infringir essas leis, pelo contrário, parte delas. É dependente delas para ter o que romper. Caso não houvessem essas leis (não apenas no sentido jurídico, mas no de definições estabelecidas), não haveria o que ser ultrapassado. O Mal vem à tona quando o Bem é transgredido, logo, necessita do Bem para ser experimentado, caso contrário seria naturalizado. Mesmo que o Mal seja natural à vida (no sentido primário), seu efeito somente aparece quando se encontra em

contraste com o Bem: “se a intensidade luminosa do Bem não desse seu negror à noite do Mal, o Mal não teria mais seu encanto” (p. 124).

Considerarmos um criminoso Mal porque ele fere um indivíduo com o intuito de adquirir um bem material, por exemplo, seria banalizar o Mal. O que queremos abordar aqui não se refere àquele mal que a sociedade reconhece como tal no senso comum. Quando nos referimos a ações ou coisas específicas – como dizer que “alguém passou mal” ou ainda relacionar o Mal com atos de ladrões ou assassinos – não estamos buscando, nesses casos, o prazer do Mal. Por esses motivos, Bataille (p. 14) considera o Mal mais puro aquele que é realizado no sadismo; nele se fere unicamente por prazer, é o curtir o Mal, tirar dele um proveito para si, é a dor pura.

O Mal, em Bataille (1989), é o sonho do Bem, é o seu desejo mais profundo. Por mais que o Bem tente se manter na ordem que se estabelece, o seu grande segredo é que ele deseja ser Mal, deseja desfrutar do prazer de aproveitar instantes. Bem-futuro e Mal-instante são movimentos completamente diferentes, mas não são contrários: por mais que tentemos impor o Bem contra o Mal, este não pode ser evitado, é natural à vida. A sociedade, por mais que tente eliminá-lo, fracassa, pois, ao realizar esse esforço inútil, acaba divinizando/potencializando o Mal. “É verdade que a humanidade o exclui, mas para engrandecê-lo. O interdito diviniza aquilo a que ele proíbe o acesso” (BATAILLE, 1989, p. 18). O Mal está na margem, porém, está presente e, sendo assim, quanto mais se proíbe o seu acesso mais poderoso se torna; o desejo por seu consumo aumenta, pois instiga-se mais sobre ele, assim como a obsessão por algo: quanto mais tentamos nos afastar e parar de pensar naquilo, mais nos tornamos obcecados.

O Bem implica em um interesse comum, que pressupõe a preocupação futura, de modo que “‘o movimento impulsivo’ da infância” (BATAILLE, 1989, p. 19) é contrário a ele. “A sociedade se organiza de maneira a tornar possível a sua duração. A sociedade não poderia viver se se impusesse a soberania desses movimentos impulsivos da infância” (p. 15). Não se manteria funcionando se desse poder a esses arrebatamentos. Pois o interesse comum implica necessariamente em pensarmos nos outros indivíduos que nos cercam, pensar no bem-estar desse indivíduos; conseqüentemente, esse fato faz com que precisemos nos organizar e planejarmos para tal.

Nós somente podemos ter da vida uma visão trágica (BATAILLE, 1989, p. 21). Morte e instante se confundem porque ambos se opõem às pretensões do Bem. A Morte e o instante são de certa forma a vida. A morte é senão o instante, pois abdica da busca

dos cálculos da duração. O novo ser que surge depende da morte de um outro ser. Sua vida surge da morte de alguma coisa. Caso isso não ocorresse seria impossível sua existência na terra, não haveria espaço e matéria para o surgimento da sua vida. Para que novos seres surjam é preciso que a morte ocorra. A visão trágica da vida que é, ao contrário de uma noção pessimista, o encantamento da vida (BATAILLE, 1989, p. 21).

O Bem se mostra contrário ao Mal e ao mal, ou seja, ele rejeita o primeiro que está ligado à morte, sendo a condição da vida, e o segundo que é ligado aos atos criminosos (o mal do senso comum). Conforme já dissemos, Bem e Mal não são contrários, no entanto, o Bem insiste em negar o Mal. Isso porque a ideia de tempo é o que nos atormenta desde que começamos a viver em sociedade (BATAILLE, 1989, p. 49). A partir de então, vemo-nos em uma estrada de dois caminhos, tendo que escolher como utilizar nosso tempo. Baudelaire, segundo Bataille (p. 47), diz que a esse pesadelo da sensação esmagadora do tempo nós possuímos duas escapatórias: o prazer ou o trabalho. O prazer faz uso dos nossos recursos para um proveito improdutivo (do ponto de vista funcional e utilitário); por outro lado, o trabalho nos dá recursos para nos planejarmos para o amanhã, para acumularmos recursos para o futuro (p. 47). Considerando que a humanidade, em geral, escolheu o segundo caminho (ou a segunda escapatória), o primeiro passou a ser negado, justamente, porque ameaça o funcionamento do segundo.

É sabido que no momento em que o indivíduo passa a viver em sociedade, esta começa a lhe pressionar a se preocupar com o futuro, planejar, trabalhar e acumular. Isso é sua primazia. Assim, organiza-se de forma que o Bem passa a ser necessário para a sua manutenção como tal, dessa maneira abre mão do Mal na maioria das vezes, e isso acontece não por não preferi-lo (talvez o prefira na maior parte do tempo), mas sim porque o Bem é indispensável se quiser que a forma da sociedade se mantenha. Entretanto, essa maneira de viver não é uma forma necessária; é, pelo contrário, uma forma problemática, justamente porque, na maior parte do tempo, busca negar o Mal, ainda que, para continuar mantendo essa ordem, sejam essenciais doses de Mal.

Dessa forma, a própria sociedade se organiza para deixar vazar algumas dessas doses. É quando o indivíduo escapa eventualmente desse caminho e assume o prazer do instante na forma de festas, divertimento sem preocupações, na libertinagem, nos dias de folga do trabalho, nos sábados e domingos. Esses prazeres assumem unicamente o

instante. Não há nenhum planejamento do amanhã, interessa apenas o presente (BATAILLE, 1989, p. 49).

Bataille (1989), ao utilizar-se de um trecho de *Carta ao pai* de Kafka para abordar o Mal, observa como a formação familiar e o casamento têm suas validades pela relação que o indivíduo precisa ter com o trabalho (planejamento futuro) para manter-se em tais instituições:

O obstáculo essencial a meu casamento [...] é minha convicção, que, já é definitiva, de que para assegurar a existência de uma família, e sobretudo para dirigi-la, necessariamente são precisas as qualidades que reconheço em você. É preciso, digamos, ser o que você é, trair o que eu sou (KAFKA apud BATAILLE, 1989, p. 137).

Dessa forma, além de trair sua natureza, Kafka teria que abdicar-se da literatura e viver no universo do trabalho tradicional. Ou seja, caso quisesse se manter nessas instituições, teria que preferir o Bem, como determinação estabelecida da sociedade e abdicar do Mal, da sua existência enérgica. Se Kafka não abdica do Mal é porque o que lhe move enquanto escritor é, justamente, essa existência inquietante.

Sabemos que é do ser humano, em sua natureza social, a vontade de durar, de nos afastarmos da morte a qualquer custo: apagamos indícios que podem remeter à morte, acreditamos em superstições, afastamo-nos de funerárias, não queremos passar na frente de cemitério. Queremos a paz e o bem de todos (na verdade trata-se apenas de querer se manter vivo) (BATAILLE, 1989, p. 57). Porém, não podemos viver sempre evitando a morte, é necessário passarmos por algumas situações que nos tragam desconforto, para que tenhamos a sensação de que pelo menos por alguns instantes podemos superar a morte, tornando-a mais leve. As artes respondem bem a essas questões, cujo objetivo geralmente é nos levar a estados de emoções incomuns ao dia-a-dia; a exemplo disso, estão as peças de teatro trágicas/cômicas. As artes, mesmo não tendo valor prático (não menos importantes por isso), levam-nos a momentos prazerosos por instantes e, por isso, podemos considerá-las como sendo experiências do Mal (p. 58).

Apocalípticos e integrados de Umberto Eco

No livro *Apocalípticos e integrados*, Umberto Eco (2006) traz uma visão de como podemos ser influenciados pelos meios de comunicação em massa e como a cultura e a sociedade agem diante deles. Para isso, faz um paralelo sobre o que

considera uma visão apocalíptica e o que considera uma visão integrada sobre esses meios. Porém, o autor não posiciona-se sobre seu lado, apenas discute os dois conceitos nos oferecendo um panorama sobre as duas formas de enxergarmos os meios de comunicação em massa e sua influência sobre a sociedade.

Tendo esse paralelo entre apocalípticos e integrados, o autor mostra como tais posições agem sob a exposição dos meios de comunicação em massa, em que, ao colocar o lado de cada um, também relata a veracidade dos argumentos de cada e ressalta que nenhum dos lados é ingênuo com o processo.

Assim, o autor reconhece os apocalípticos como aqueles que entendem cultura no seu sentido alemão, *Kultur*, a qual possui uma conotação referida a realizações intelectuais e artísticas, que expressam a individualidade e criatividade de cada indivíduo. O termo *Kultur* é utilizado pelos alemães para descrever feitos no campo da academia, da filosofia e da arte; nesse sentido, cultura são os produtos intelectuais e artísticos de cada um, de tal forma que uma pessoa se torna culta produzindo ciência/arte (THOMPSON, 1995, p. 168).

Dessa forma, os apocalípticos acreditam que a cultura é um fato aristocrático, ou seja, a cultura é rara e por isso imaginar uma cultura reproduzida e que seja produzida de forma a se adaptar às massas é um contrassenso. Para eles, a cultura morre quando é massificada. Portanto, a cultura de massa é, mais propriamente, uma anticultura (ECO, 2006, p. 8).

Por conta desse posicionamento categórico, os apocalípticos recebem muitas críticas; dentre essas, a mais recorrente é a de que, ao conceberem seus textos de crítica sobre a cultura de massa, usam os canais do universo da comunicação massiva para se expressar e, justamente por isso, não há escapatória desse ambiente, todos estão embutidos a essas condições (ECO, 2006, p. 11). Em outras palavras, mesmo que produzam conteúdos criticando a massa, utilizam os meios de massa para se comunicar.

Com relação aos integrados, Eco (2006) os descreve como os otimistas, pois enxergam os meios de comunicação em massa como positivos para a cultura: agora os meios de transmissão de culturas em massa, tais como a TV, o jornal, o rádio e as histórias em quadrinhos, estão disponíveis para todos; a cultura, para eles, agora está democratizada. Assim, acreditam que, com os bens culturais à disposição de todos, há um alargamento da cultura, já que antes era restrita apenas aos que tinham condições de acesso (p. 8, 9).

Para os integrados não há problema se a cultura vem de baixo para cima ou de cima para baixo, pois eles raramente teorizam sobre isso. Ou seja, os integrados se integram à cultura, produzem e operam juntamente com ela.

O autor (2006) traz ainda, nesse mesmo livro, um ensaio intitulado “O Mito do Superman”, em que conta como e porque essa narrativa se encaixa perfeitamente na sociedade que se integra a esses meios de comunicação massivos. Para Eco (2006), o mito, numa sociedade de massa, trata-se da identificação de um objeto, de maneira a conceber uma imagem de aspirações do que gostaríamos de ser (p. 242 - 243). Tal fato é importante para entendermos o porquê do Superman ser considerado um mito na sociedade contemporânea.

O personagem descrito é um herói, que possui aparência de um homem mediano (comum) que trabalha e esconde seus poderes nas vestes de um jornalista, Clark Kent. Sua identificação com o público se dá justamente porque em certos momentos esse herói possui poderes que qualquer um pode ter, as virtudes do herói se humanizam (ECO, 2006).

Nessa estória há esperanças, então, o autor acredita que, assim como na estória, nada está perdido, seus contempladores veem nela um refúgio, um Passa-Tempo para sua vida complicada. A estória nos faz pensar que os grandes problemas da sociedade são os incêndios, os roubos e não a pobreza, a fome. Ainda que essa estória se passe no presente, ou seja, ela está em um “contínuo presente” (p. 260), sua duração pode ser infinita, ela se encerra apenas por exaustão.

Além disso, Eco (2006) aponta que essa crítica pode ser um relato apocalíptico, pois descreve esse personagem como um modelo de heterodireção, ou seja, ele nunca é dirigido por si mesmo; suas ações, assim como sua vida, são guiadas por várias influências e direções a prosseguir: da sociedade, da tecnologia e da publicidade (p. 261).

Umberto Eco (2006) usa o conceito-fetiche (conceito em que canaliza todo o desejo em um só objeto) de “indústria cultural” para expressar como essa ideia é reprovável, pois, quando pensamos em cultura, imaginamos o contato de almas, ideias e costumes, já quando pensamos em indústria, pensamos em linhas de montagens, reprodução em série e em mercadorias sem diferenciação/individualização (p. 12). Assim, associar a cultura à indústria seria contraditório. Entretanto, parece-nos que o intuito de tal conceito é, justamente, estabelecer essa inusitada relação.

O termo indústria cultural abrange as técnicas que levam à padronização das obras com o intuito de atender as funções da economia. Geralmente essas obras são produzidas de forma que tenham conteúdos fáceis de serem assimilados, para que não precisem de grandes esforços para serem compreendidas por quem as recebe. Outra característica da indústria cultural é que os produtos devem ter técnicas dos objetos empíricos da vida dos indivíduos, para que haja identificação e um prolongamento do que se consome (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Com a invenção dos tipos móveis de Gutemberg surgem os livros, e assim esses produtos passam a ser produzidos em séries, e logo cria-se um determinado público que irá de certa forma condicionar os produtos que irão consumir (p. 12). Dessa forma, os integrados participam da produção de cultura, pois ao moldarem seus produtos de consumo estão moldando a própria cultura a seu modo. E é aqui que reside a grande crítica dos apocalípticos aos integrados, de que a cultura tende a ser moldada para seus consumidores, assim, tende a perder a sua essência e a se tornar apenas produto da indústria cultural (ECO, 2006).

Para os apocalípticos, segundo Eco (2006), os meios de comunicação em massa produzem e projetam para a massa, uma educação em massa, e assim acabam reduzindo os sujeitos com suas individualidades à massa. Essa crítica apocalíptica tem uma validade própria, pois denuncia que essa visão otimista dos integrados é falsa e de má fé (p. 18).

Esse aspecto de massa é difundido tanto entre os apocalípticos quanto entre os integrados, pois ambos reduzem os indivíduos ao conceito-fetichismo “massa”. Ao mesmo tempo em que os integrados tornam-se massa, os apocalípticos, ao analisarem as massas, também estão desconsiderando as particularidades dos indivíduos.

Os apocalípticos não só reduzem os consumidores àquele fetichismo indiferenciado que é o homem-massa, mas [...] reduzem, ele próprio, a fetichismo o produto da massa. E ao invés de analisá-lo, caso por caso, [...] nega-o em bloco (ECO, 2006, p. 19).

Para os apocalípticos somente é cultura o que é singular, particular; a cultura deve ser concebida a partir de um ato espontâneo, de um pensamento extraordinário, é a produção do instante. Já para os integrados, cultura é aquilo que é partilhado e fica à disposição de todos, acreditam na cultura de massa como um alargamento da cultura,

operam e se integram com ela e para ela (ECO, 2006). A cultura é duração; no momento que distribui-se, torna-se material infindável de conhecimento.

Aproximação\discussão

Instante (Mal e apocalípticos)

No seguinte texto realizamos a relação do tempo instante com as ações do Mal e o com o conceito de cultura usado pelos apocalípticos, mostrando similaridades e possíveis aspectos em comum.

O instante é uma característica de tempo que podemos fazer relação do Mal com os apocalípticos, pois da mesma forma que o Mal valoriza o tempo instante em sua vida, o apocalíptico considera cultura os produtos produzidos sob uma lógica do instante. Uma produção espontânea que não é tencionada nem programada, apenas acontece porque há vontade de criação do próprio indivíduo.

O Mal preocupa-se com o instante por considerar tal tempo o que há de mais puro (natural) em sua vida, é o não negar o seu instinto. As ações que optam pelo Mal abdicam do conforto de viver com segurança, em troca de prazeres da ordem do instante (em que não há preocupação futura) na qual uma vida enquadrada na sistematização da sociedade não seria possível, pois a sociedade necessita de precauções relativas ao futuro na maior parte do tempo. Os apocalípticos valorizam e consideram cultura o que é produzido a partir de uma relação do momento (momento não no sentido de que a produção é realizada a partir do nada, pois, mesmo sendo da ordem do instante, não podemos diminuir a importância do estudo e da pesquisa). Suas produções têm a necessidade de serem únicas, devem surgir do sentimento que estão tendo em tal momento da vida, e jamais serem programadas.

A cultura para os apocalípticos não pode ser pensada para atender funções, mas deve estourar, suas criações devem ser produzidas a partir de sentimentos que transbordam, sentimentos impossíveis de conter, que vertem. Se a criação tiver a necessidade de ter pré-requisito (ser útil, funcional ou para fins comerciais) já não é mais cultura para eles. Os materiais pré-definidos para as massas tornam-se outra coisa que não cultura (indústria cultural).

Ao preferirem o Mal, apocalípticos não colocam na balança a decorrência do que vão fazer, simplesmente o fazem, não por não pensarem em suas consequências,

mas sim por não as terem como principais preocupações: “a beleza que desperta um canto é a infração à lei, é a infração ao interdito, que é também a essência da soberania. A soberania é o poder de se colocar, na indiferença para com a morte, acima das leis que asseguram a manutenção da vida” (BATAILLE, 1989, p. 159). Quando desempenham algo, o fazem porque de certa forma precisam daquilo. O que repete-se nas as criações apocalípticas, que devem verter do indivíduo por sua necessidade própria e jamais ser pensada para atender a alguma condição, ou por alguma decorrência programada.

A cultura enquanto obra para os apocalípticos deve se bastar e valer por si só. Como em Bataille (1989), em que o Mal faz relações com ações espontâneas dos indivíduos que não estão preocupadas em fazer algo para atender a alguma demanda, mas sim por precisarem, por sentirem essa necessidade.

Planejamento futuro (Bem e integrados)

Nos seguintes parágrafos que se seguem realizamos as possíveis relações existentes de planejar-se com as ações do Bem e o conceito de cultura estabelecido pelos integrados. Para isso, encontramos aproximações desses dois conceitos com o preferir o tempo futuro ao instante.

Podemos perceber que a primazia em preocupar-se com o planejamento futuro pode fazer relações com o Bem de Bataille (1989) e com os integrados de Eco (2006). Tais conceitos trabalhados aqui dizem respeito àquelas ações que são empreendidas tendo como referência uma preocupação futura.

O Bem faz relações com o controle sistemática da sociedade. Como os indivíduos vivem nela, há alguns instrumentos necessários de organização para que a manutenção de seu funcionamento se estabeleça em ordem de uma forma sutil. O trabalho é uma delas, que utiliza dos esforços físicos e mentais dos indivíduos, porém, essas pessoas têm a consciência de que futuramente serão recompensadas. Tal fato também ocorre com os integrados, que operam junto aos meios de comunicação em massa, encantam-se com a funcionalidade e com a possibilidade de colher benefícios a partir disso. Para os integrados, a cultura de massa é integração e acesso, acreditam que essas informações apresentadas nos meios de comunicação são úteis para os seus futuros.

As ações do Bem demandam uma série de requisitos básicos à vida dos sujeitos: trabalho, família, casa, saúde, alimentação farta. Essas determinações fazem com que o indivíduo se adapte a essas necessidades para se manter sem problemas nela. De modo que, se preferir dedicar a maior parte do seu tempo aos prazeres (Mal), tais exigências de manutenção não serão cumpridas e será pressionado pela sociedade a se readequar. Caso não ocorra, certamente terá problemas, “o lado do Bem é o da submissão, da obediência. A liberdade é sempre uma abertura à revolta, e o Bem está ligado ao caráter fechado da regra” (BATAILLE, p. 176). O Mal desvia, possibilita a criação de novos caminhos, já as ações do Bem abdicam de prazeres do instante em busca de alcançar as prescrições propostas. “Toda a humanidade está disposta a subordinar o tempo presente ao poder imperativo de um objetivo” (BATAILLE, 1989, p. 131). Assim, a lógica do Bem faz com que os indivíduos se mantenham nas fórmulas pré-condicionadas da sociedade.

Os integrados, por sua vez, consideram cultura os conteúdos que são dissipados pelos meios de comunicação em massa, acreditam que com isso há uma democratização da cultura, porém, esses materiais são propostos em blocos, para o coletivo e nunca para o indivíduo especificamente, ou seja, as corporações estudam os anseios da massa e oferecem conteúdos moldados e sem diferenciação. Os integrados consideram que, se a massa absorve tais ideias sem questioná-las, é porque assim o quer; e que se o conteúdo é de fácil assimilação, é porque se trata do conteúdo que se adapta à realidade e ao ritmo da nova sociedade. O problema, do ponto de vista do Mal (e por isso que o Mal está mais relacionado com a outra perspectiva, a dos apocalípticos), é que, dessa forma, não sobra muito tempo para os indivíduos refletirem e explorarem seus prazeres. Tudo já está posto e pronto. Além disso, os meios de comunicação abordam o Mal como sendo negativo, e o Bem como positivo: em novelas, por exemplo, um sujeito que trabalha e tem família é considerado bom, enquanto que o indivíduo que tem ações direcionadas aos seus prazeres é considerado o problemático da história, aquele que precisa, ao final, readequar-se ou ser penalizado.

A preocupação com o coletivo também é ressaltada no Bem, sua organização desperta responsabilidades que precisamos ter com indivíduos que vivem conosco, de tal forma que precisamos nos organizar e planejar para que possamos garantir o bem-estar dos que vivem junto à nós. Assim, nossos anseios individuais são deixados para o segundo plano. Além disso, os indivíduos precisam dos seus semelhantes para atestar

sua habitação, “o mundo é obrigatoriamente o bem daqueles a quem uma terra prometida foi atribuída, que, se for preciso, trabalham juntos e lutam para chegar a isso” (BATAILLE, p. 138). Dessa mesma forma, a preocupação com o futuro do coletivo é ressaltada tanto no Bem quanto nos integrados que acreditam que com o esforço presente terão um futuro recompensador e deixam para um segundo plano seus desejos individuais e anseios da ordem do instante.

Nesse momento, cabe ressaltarmos que não podemos confundir a ideia de coletividade associada aos integrados com a ideia democrática de coletividade, aquela do sentido social, em que queremos o bem-estar e garantir os direitos iguais a todos; não é dessa coletividade que estamos tratando, mas sim no sentido sociável, de que precisamos do outro para nos mantermos com conforto onde vivemos. Por exemplo, se uma fiação em nossa casa estragar, precisaremos de um eletricista para consertar essa função específica da qual não temos habilidade, então, torna-se necessária uma lógica coletiva de solidariedade (para usarmos o termo de Durkheim).

Outra ressalva que se faz importante é a de que a individualidade que caracteriza as ações do Mal e dos apocalípticos não pode ser confundida com a individualidade capitalista, aquela da propriedade privada. A individualidade que abordamos aqui é a da singularidade: expressão de necessidades e anseios diferentes entre si.

Considerações Finais

Com a sociedade se preocupando cada vez mais com a questão do tempo, trazemos o presente trabalho para, além de mostrarmos a discussão e aproximação dos quatro conceitos Mal, Bem, apocalípticos e integrados, estabelecermos uma reflexão teórica que nos coloca numa posição interessante, justamente, por termos que colocar convicções existenciais em suspensão. De quebra, buscamos fazer o leitor pensar sobre o aspecto do tempo, sobretudo no que diz respeito ao modo como administra esse fator tão decisivo em nossas ações.

Observamos que, na maioria das vezes, devemos (por imposições) planejar o tempo por conta da vivência e convivência em sociedade; mesmo porque, caso contrário, viveríamos de forma demasiadamente incerta. Porém, podemos pensar mais sobre o tempo e de como podemos encará-lo, experimentá-lo.

Devemos perceber o paralelo existente (e necessário) entre os quatro conceitos trabalhados. Mal/apocalípticos e Bem/integrados coexistem e muitas vezes relacionam-

se, pois o Bem necessita do Mal para existir, assim como o Mal necessita do Bem para existir. Fato que se repete com o entendimento de cultura pelos viés apocalíptico que somente existe porque o pensamento de cultura dos integrados existe e vice-versa. Precisamos dos contrastes para que os dois casos expressem-se.

O trabalho que propomos, conforme já vimos, não possui um problema e uma hipótese, pois diz respeito mais a uma discussão de conceitos que, em verdade, é uma discussão infinita, jamais chegando a uma resposta final.

Com a discussão dos conceitos de Bem, Mal, apocalípticos e integrados e suas aproximações, trazemos a este trabalho um modo diferente de enxergar tais conceitos. O Bem é aproximado da concepção de cultura dos integrados e o Mal é aproximado da concepção de cultura dos apocalípticos, ambos por suas relações com a questão do tempo.

Por fim, reiteramos a tese que apresentamos ainda no início deste trabalho: a discussão entre apocalípticos e integrados (discussão provocada espiritualmente por Eco e tão recorrida na Comunicação) é uma discussão que jamais deve buscar consenso; precisamente, porque cada um dos envolvidos está num plano específico, cada um tem um projeto temporal, espacial e conceitual.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

BATAILLE, Georges. **A literatura e o Mal**. Porto Alegre: L&PM, 1989.

CHAUI, Marilena de Souza. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2006.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio – organizadores – **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo; Atlas, 2010.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.
A cultura é duração; no momento que distribui-se, torna-se material infindável de conhecimento.